

ENTRE REALIDADES E DEVANEIOS, A ESCOLA QUE EU SINTO: CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA NARRATIVA INTERPRETATIVA¹

BETWEEN REALITIES AND DAYDREAMS, THE SCHOOL I FEEL: CONSTRUCTION OF MEANINGS IN NA INTERPRETATIVE NARRATIVE

ENTRE REALIDADES Y DEVANEOS, LA ESCUELA QUE SIEN TO: CONSTRUCCIONES DE SENTIDOS EN UNA NARRATIVA INTERPRETATIVA

Magda Lucia Vilas-Boas²

Pedro Donizete Colombo Junior³

Gilza de Oliveira Barbosa⁴

RESUMO

A compreensão de escola, enquanto um movimento intrínseco de transformação de pessoas e histórias, perpassa à consideração de atores, contextos e sentidos. Tal tônica compreensiva pode ser estabelecida a partir de diálogos problematizadores em meio a rodas de conversa com a comunidade escolar, traduzida na percepção da realidade de cada um, algo que é idiossincrático à pessoa. A partir dos constructos teóricos das narrativas interpretativas, buscamos neste artigo elucidar “a escola que eu sinto”, construída em um espelho de olhares e percepções de professores brasileiros e panamenhos, participantes da pesquisa. Este processo levou à criação de trama de significados de (re)conhecimento para a construção de sentidos na escola, uma narrativa. Como direcionamentos em aberto, percebemos que “a escola que eu sinto” se aproxima em diferentes contextos, tanto no Brasil como no Panamá, tendo pontos de interlocução comuns ao acreditar na educação. Pontuamos também que os sentidos de escola dos participantes se constituem nas (e para as) vivências e experiências compartilhadas pela comunidade escolar, sendo comuns em alguns momentos e, particulares em devaneios em outros, geralmente relacionados ao esperar e sonhar de cada um.

Palavras-chave: educação e escola; narrativas interpretativas; construção de sentidos.

ABSTRACT

The understanding of school as an intrinsic movement of transformation of people and stories, permeates the consideration of individuals, contexts and meanings. This understanding tone can be established through problematizing dialogues in conversations with the school community, translated into the perception of each person's reality, something that is idiosyncratic to the person. Based on the theoretical constructs of interpretative narratives, we seek in this article to elucidate “the school that I feel”, built on a mirror of views and perceptions of Brazilian and Panamanian teachers' participants in the research. This process led to creating a plot of meanings of (re)knowledge for the meaning's development at school, a narrative. As open directions, we realize that “the school I feel” approaches in different contexts, both in Brazil and Panama, having common points of dialogue when believing in education. We also point out that the participants' meanings of school are constituted in (and for) the experiences shared by the school community, being common in some moments and private in daydreams in others, generally related to each person's hopes and Dreams.

Keywords: education and school; interpretive narratives; meanings development.

RESUMEN

La comprensión de la escuela, como un movimiento intrínseco de transformación de personas e historias, pasa a la consideración de actores, contextos y sentidos. Tal tónica comprensiva puede ser establecida a partir de diálogos problematizadores en medio de círculos de conversación con la comunidad escolar, traducida en la percepción de la

¹ Este artigo contempla fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba – MG.

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-2489-0330> – magdavilasboas@gmail.com

³ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-3324-5859> – pedro.colombo@uftm.edu.br

⁴ Universidad Autónoma de Chiriquí – Unachi – David – Chiriquí – Panamá – <https://orcid.org/0009-0004-3407-8700> – gilza.deoliveirabarbosa@unachi.ac.pa

realidad de cada uno, algo que es idiosincrásico a la persona. A partir de los constructos teóricos de las narrativas interpretativas, buscamos en este artículo elucidar "la escuela que siento", construida sobre un espejo de miradas y percepciones de profesores brasileños y panameños, participantes de la investigación. Este proceso llevó a la creación de una trama de significados de (re)conocimiento para la construcción de sentidos en la escuela, una narrativa. Como direcciones abiertas, nos damos cuenta de que "la escuela que siento" se acerca en diferentes contextos, tanto en Brasil como en Panamá, teniendo puntos de interlocución comunes al creer en la educación. También señalamos que los sentidos de la escuela de los participantes se constituyen en (y para las) vivencias y experiencias compartidas por la comunidad escolar, siendo comunes en algunos momentos y, particulares en devaneo en otros, generalmente relacionados al esperar y el sueño de cada uno.

Palabras clave: educación y escuela; narrativas interpretativas; construcción de sentidos.

Submetido para publicação: 9/9/2024

Aceito para publicação: 27/01/2025

CONSTRUINDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

A construção de sentidos da escola ganha relevância no momento em que é percebido como uma forma de ampliar o entendimento desta instituição na sociedade, seus desafios e as complexidades inerentes à educação. O exercício reflexivo de construção da “escola que eu sinto”, requer o escutar a comunidade escolar, suas histórias, fatos, desejos, angústias e sonhos, fatores que tomam conta dos ouvintes (pesquisadores), os tornando também narradores. Esta ação é chamada por Benjamin (1986, p. 205) de “tecitura da rede narrativa”, ou seja, as narrativas vão sendo tecidas como fios que se atrelam e criam novas percepções, visões e pareceres a respeito das realidades e sentidos da educação.

Resgatamos, neste texto, as relações que ocorrem na escola, em meio à convulsão dos movimentos históricos e, à singularidade das pessoas envolvidas na trama de uma vida cotidiana. É na escola que acontece a complexidade multidimensional da vida. Em função do processo de globalização, de novas formas de trabalho, da vida em sociedade e, ainda das novas roupagens virtuais e tecnológicas na (e para) a educação, novos horizontes foram demandados ao cenário escolar. Por consequência, estes espaços foram transformados por efervescência de relações de convivências, e ocorrências de preconceitos e intolerâncias. Diante desta situação, perguntamos: Qual é o sentido da escola em uma sociedade plural, diversa e complexa? Que significados tem a escola para a comunidade escolar, em particular para os professores?

A importância desta pesquisa, com olhar epistêmico-político de vivências e conceituações desbrava interconexões e intercorrências do cotidiano escolar, em diálogo com seus atores – neste caso, professores que a compõem. A educação, como prática social, impacta o pensar as concepções de mundo mediante a expressão da mutabilidade das ações humanas complexas e, ao mesmo tempo, fragmentadas do momento histórico contemporâneo. Na inconsistência do

sistema educacional brasileiro, muitos pesquisadores buscam saídas para a melhoria da escola. Duas tendências das chamadas Pedagogias não-diretivas (Gadotti, 1991), que viriam a ser adensadas por três pedagogias (da gestão, do sujeito e do conhecimento) radicalizam discursos no viés do olhar social (Gramsci, 2004).

Este fermento de “três escolas”, aquela da gestão, a do sujeito e a dos conhecimentos, passam a representar reivindicações de mudanças na educação brasileira, como base de superação, inclusive de tendência liberal (mesmo crítica), até os dias atuais. Neste interim, “as pedagogias”, tentando se estabelecerem como uma ciência brasileira, específica, se mostram como questões sociais ganhando força em projetos e propostas de equilibrar a relação estrutura e sistema (Saviani, 2007). O discurso pós-moderno vai ganhando força como revisão das metanarrativas da Modernidade, que busca, no pensamento complexo, de interconexões, o alargamento das visões de novos territórios, novas linguagens, com conexões interdisciplinares e transdisciplinares. Byung-Chul Han (2023) também evidencia o fenômeno social da “desnarrativização”, o que nos desperta à necessidade de sentido, identidade e orientação, em que “[...] a necessidade de iluminar a densa floresta de informações na qual ameaçamos nos perder” Byung-Chul Han (2023, p. 14).

Ouvir e dialogar com a comunidade escolar subjaz a produção científica em meio a vivências e convivências de professores na escola, refletindo os sentidos que permeiam o ambiente escolar. A narrativa interpretativa aqui perseguida busca, evidenciar o significado do “objeto” pesquisado, conectando relatos provenientes dos participantes com as percepções dos pesquisadores, em um movimento de espelho em que se relata o que se vê, ouve e vive e interpreta, *in loco* na escola. Como revela Frauendorf *et al*, (2016, p. 352), “[...] ao produzi-la[s], o autor reveste de significado o objeto pesquisado, adicionando à cena relatos que contam não apenas aquilo que ele vê, mas todo o entorno e as nuances do episódio”. Tratamos da narrativa interpretativa como procedimento de pesquisa na seção a seguir, objetivando elucidar “a escola que eu sinto”, construída em um espelho de olhares e percepções de professores brasileiros e panamenhos, participantes da pesquisa.

FEITURAS METODOLÓGICAS

Este artigo, tem como cenário a escola pública, extraindo sentidos emergentes, a partir de professores que a compõem, perante suas percepções da realidade escolar. A narrativa interpretativa edificada traduz percepções que vão se transformando em novas paisagens da

escola, na captura dos vestígios que trazem os sentidos próprios na visão dos que a vivenciam. Aliás, a escola só se faz na congruência com sua comunidade, sistemas e interações humanas. Que sentido a escola tem? Que escola eu vivo e sinto? Eis questões que buscaremos respostas a partir dos olhares dos participantes da pesquisa. É nesta toada que a relação íntima dos pesquisadores com o objeto de pesquisa se apresenta na interlocução *in loco*. É no mergulho da pesquisa qualitativa que buscando a interpretação da realidade escolar que ora queremos entender, nas transgressões do campo da pesquisa em Ciências Humanas, pois que a “[...] urgência/emergência de outras maneiras de fazer ciência, na contemporaneidade, que assumem o qualitativo, o subjetivo, o pós-colonial como perspectivas metodológicas outras” (Souza; Meireles, 2018, p. 286). A pesquisa qualitativa explora e entende o significado dos participantes frente a um fato ou o valor que atribuem a determinado evento (Creswell, 2010). Adotamos o método hipotético-dedutivo, levando em conta que a construção de conhecimentos, além de pesquisa em obras publicadas, é apresentada na explicação das dificuldades e nas complexidades do cenário “escola”. A construção de uma narrativa interpretativa subjaz de evidências empíricas e subjetivas, derivadas de diálogos com professores de escolas públicas no Brasil e no Panamá (Quadro 1).

Quadro 1: CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Contexto	Participantes*	Espaços participantes	Áreas de atuação dos participantes
Brasil	180	Total de 6 escolas municipais da cidade de Uberaba-MG, Brasil.	Educação Infantil (60); Ensino Fundamental (120).
Panamá	61	Total de 4 unidades (campus) de uma Universidade do Panamá, oriundos de 4 localidades diferentes daquele país.	Professores de diferentes níveis em escolas pública do Panamá e, também alunos nas unidades da Universidade participante.

*Referem-se aos professores participantes da pesquisa.

Fonte: dos autores, 2022.

Pineau (2006) apresenta três terminologias referentes à sua construção de narrativas: o elemento biográfico, o autobiográfico e o interativo ou dialógico. Optamos pela terminologia interativo ou dialógico, uma vez que, tanto os pesquisadores como as pessoas pesquisadas,

construímos sentidos a partir dos relatos oriundos das rodas de conversa. Isto porque a narrativa, sendo utilizadas como procedimento de pesquisa científica, se encontra em processos múltiplos de possibilidades, engloba nos atos de narrar, interpretar, analisar, estruturar, organizar e reorganizar, em reflexão contínua. Este processo aconteceu a partir da escuta aos participantes da pesquisa e do aprofundamento teórico sobre o tema em questão, uma forma de construção de conhecimentos.

Estamos a falar de uma episteme que explora e reconhece os lugares de fala de professores, integrantes da comunidade escolar. Para Silva e Tamayo (2022, p. 70), os pesquisadores devem buscar o “[...] rompimento com perspectivas abissais de totalidade [...]”, para possibilitar diálogos entre as formas de viver, de ensinar e de aprender, na percepção dos sentidos e das singularidades do cotidiano da escola. Mignolo, (2017) acrescenta ainda, a necessidade do “desprender-se para aprender”, no respeito ao lugar de fala e na implementação de pensamentos fronteiriços que se conectam com a desobediência epistêmica. Dar voz à comunidade escolar é um exercício democrático e de experienciar ares já respirados e inspirados por saberes e sabores da prática docente, é uma forma de respeito “[...] em concordância com as formas de vida em que se realiza e que imprimem sentido, significado, às ações efetuadas de um certo modo e não de outro” (Silva; Tamayo, 2022, p. 180). Este é o propósito de investigar a construção de sentidos para a escola que sinto, o aprender no espaço escolar e na relação com agentes de sua comunidade. Face ao exposto, a narrativa interpretativa foi sendo moldada e construída na ressonância de outras, que, por sua vez, suscitaram imagens mentais que variavam de significados de acordo com o contexto e circunstâncias e com as pessoas que relatavam.

Por meio de rodas de conversas com professores no Brasil e no Panamá, muitas histórias sobre o cotidiano escolar foram sendo moldadas em narrativa, expressando em frases e palavras, os olhares para a escola externa à pessoa e, os sentidos e inquietações da escola internos a pessoa. Contexto que evidenciou “[...] a pesquisa [como] uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social” (Chizzotti, 2003, p. 232). Para o delineamento das análises elegemos alguns registros escritos pelos participantes que evidenciam sentidos ou não-sentidos da escola e da educação, superando assim uma análise meramente concreta, em direção a um processo de sensibilidade no olhar dos pesquisadores, considerando sentimentos, histórias pessoais e afetações a respeito do cotidiano escolar por eles vividos. Nesse sentido que uma análise que podemos chamar de poética-pedagógica se torna potente para acessar os sentidos de escola na visão de quem a vivencia.

NARRATIVA INTERPRETATIVA: UM MERGULHO EM ÁGUAS PROFUNDAS DE SENTIDOS

Autores como Galiazzi *et al* (2016, p. 2) argumentam que “[...] o mundo pode ser entendido e estudado de forma narrativa, sendo a experiência das pessoas o ponto chave no desenvolvimento de estudo nesse tipo de pesquisa”. Assim, as narrativas expressam o que nelas está impregnado, submerso e se incorporam na compreensão, ampliando os significados, “[...] dando-lhe assim espaço-tempo (*sic*) em uma trajetória pessoal e coletiva” (Alves; Oliveira, 2004, p. 21). Estamos imersos em experiências que os sentidos captam e levam a compreender a multiplicidade multidimensional de eventos, que, na escola, pode emergir como estatuto da singularidade e da subjetividade. No caso da pesquisa em educação, o papel do pesquisador é participar ativamente da construção de memórias, sintetizando o tempo presente e pretérito, em um movimento de promover a comunicação e a singularidade de ideias, como forma de sistematização e construção de conhecimentos e novos sentidos, quando “[...] a história é feita com o tempo, com a experiência do humano, com suas histórias, suas memórias” (Prado; Soligo, 2014, p. 1), deixando rastros reveladores de vida e de sentido. É a partir das histórias narradas, que se chega à compreensão de como o tempo se desenrola e, por consequência, compreende a própria experiência, tanto temporal como de si mesmo (Ricoeur, 2010) e, isso faz sentido no contexto escolar, um ambiente rico em histórias e pessoas. Mas porque narrativa interpretativa?

A tipologia “narrativa interpretativa” pressupõe a realidade interpretada por outros a partir do outro e de si mesmo, com os fins de produzir significados. É claro que toda interpretação pressupõe cortes, recortes e subjetividades, pois falamos de construções humanas, indissociáveis de concepções e vivências múltiplas da realidade, em especial da escolar. O papel do pesquisador é abrir-se ao novo, ao inexplorado, às ondas sonoras que vibram seus tímpanos e decodificar a construção de narrativas em sua mente. Tilden (1957) vê a interpretação como atividade de construção de significado a determinado objeto, pessoa ou evento, tendo como objetivo revelar os significados e relações por meio da utilização de objetos, ilustrações, pessoas, experiências, informações e situações originais. Reis (2021) apresenta que a interpretação é a revelação de verdade maior, uma vez que busca nos interstícios, a amplitude do conhecimento e incita à utilização de materiais e imateriais, sensoriais. Trata de “[...] processo de comunicação propositada, que cria ligações emocionais e intelectuais entre os interesses do público e significados pertencentes aos recursos” (NAI, 2007). Desta forma, narrar o cotidiano da escola é

oferecer presenças próximas, principalmente, depois do período de pandemia da Covid-19⁴, quando o retorno à presencialidade modificou as formas de ver a escola, criando outras existências, visto que “[...] nossos modos de olhar nossa prática e nosso cuidado, de afirmar nossa vida, vamos tateando o que chega e o que sobra, acolhendo os restos” (Azevedo, 2020, p. 162), em outras palavras:

O aprendizado de como narrar depende de acolher esta precariedade, sustentar o recuo, os impedimentos que permitem expressar num mínimo gesto a complexidade da sua potência vital. É na experiência mais sutil, que uma miríade de sensibilidades, que uma capacidade afetiva se apresenta em sua força. Diríamos que a condição mínima de um corpo afirma o máximo da potência de pensar e agir (Azevedo, 2020, p. 164).

Há a necessidade de elaborar um campo de relações não só dentro da escola, mas com outras escolas e instâncias para rastrear a potência. Depreende desta interpretação que o “[...] narrar é um ato de recuperar o corpo que terceirizou sua capacidade de sentir, que havia esquecido de como tocar ou conquistar sua potência de vida” (Azevedo, 2020, p. 165) e, para chegar à potência de vida é imprescindível narrar os gestos sutis dos corpos quando experimentam o viver cotidiano, usar para isso, a pele, a palavra, a escuta, tudo aquilo que afeta e se expressa, que nos toca a sensibilidade. E trazer para a narrativa interpretativa, palavras que traduzam sensibilidades, lembrando que nos gestos mínimos coexistem multiplicidade de formas de existir. É preciso, continuamente, conviver com o resto, sabendo que nele há a força de tantas existências, que, sabemos, são impedidas de nascer-renascer nos seres humanos por conta do modo de vida hegemônico que estamos vivendo.

RESULTADOS: A “ESCOLA QUE EU SINTO”

CONSTRUINDO SENTIDOS EM MEIO A UMA NARRATIVA INTERPRETATIVA

A construção de sentidos na escola pressupõe olhar-se no envolvimento com pessoas e com o ambiente. Isso acontece pelo fazer humano, pois “[...] a produção de sentido é uma prática social, essencialmente dialógica, que frequentemente implica o uso de conceitos expressos em linguagem (verbal, icônica ou gestual)” (Spink; Frezza, 1999, p. 39). É nas interações humanas que surgem os enunciados das narrativas interpretativas, na perspectiva de cada narrador, ou seja,

⁴ A Educação teve grandes impactos relevantes com a pandemia da Covid-19. O Brasil, assim como em outras partes do mundo, se encontra em ações de reversão de perdas dos elevados índices de aprendizagens escolares. Sugerimos leitura da obra: “Educação na Pandemia: perspectivas sobre a realidade brasileira” (Vilas-Boas; Buzoni; Carneiro, 2021).

“[...] todo enunciado é sempre expressado a partir de um ponto de vista: a perspectiva do sujeito, seu horizonte conceitual, suas intenções e sua visão de mundo” (Spink; Frezza, 1999, p.40). Deste modo, a interpretação acontece nos interstícios das vozes que se intersubjetivam, se comunicam e se interconectam. Dar sentido a algo é um exercício pessoal e coletivo, visto que se processa em meio ao que podemos chamar de uma construção social. Sentido, como “[...] empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos à sua volta” (Spink, 2010, p. 34).

Ninguém está as margens das interações, diretas ou indiretamente, pois, “[...] os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a uma outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente, mesmo quando os diálogos são internos [pois], não existe o monólogo” (Spink, 2010, p. 35). Sentido está intrinsecamente ligado à educação. Assim, o aprender se realiza no diálogo e no vínculo entre compreender, dialogar e conhecer (Alves, 2011). “O diálogo se constitui, assim, na possibilidade de experimentar a singularidade e a experiência do outro (estrangeiro), com suas objeções ou sua aprovação” (Alves, 2011, p. 25). A escola carece de diálogos criativos, resgatando a artesanaria, isto é, preocupar-se com as minúcias, trazer a percepção e a sensibilidade para acolher os corpos, as ações, a subjetividade, as diferentes camadas de sensibilidade que coexistem e não são vistas. As narrativas interpretativas se constituem nas relações estabelecidas com a clareza e a densidade que lhe é própria no contexto escolar. As narrativas interpretativas são linguagens vivas, que possibilitam, por meio da expressão de opiniões, crenças e ideias provocar a construção de conhecimentos. É sobre elas que falaremos na sequência deste texto, em que apresentamos resultados interpretativos em narrativa e reflexões da investigação.

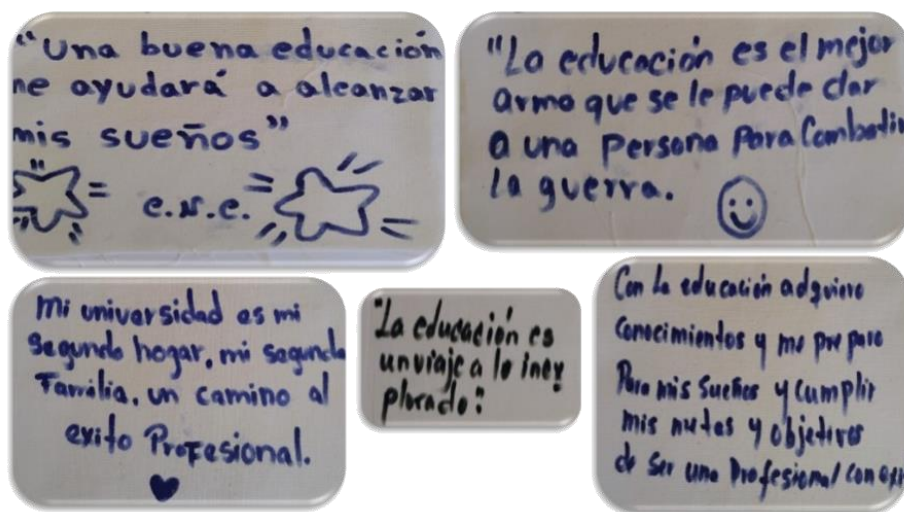
O DESNUDE DA ESCOLA EM UMA NARRATIVA INTERPRETATIVA

A narrativa aqui construída reflete o olhar dos pesquisadores em meio aos diálogos com os participantes da pesquisa. Entre realidades e devaneios, “a escola que eu sinto” nasce e é decodificada em diálogos em meio a narrativa que, por vezes pode se apresentar em primeira pessoa, visto que os pesquisadores participam das ações.

A partir de março de 2022, iniciamos as rodas de conversas com professores de diferentes níveis de atuação a respeito da construção de sentidos na escola de Educação Básica, em dois

cenários distintos, no Brasil, onde vivemos e no Panamá, por uma situação ocasional de estarmos proferindo palestras em eventos educacionais naquele país. No Brasil, percorremos várias escolas públicas, acessando 180 professores, e no Panamá, os diálogos ocorreram com 61 professores. Em ambos os países percebemos professores lutando para transformar a educação de seu país em ato de emancipação social, ambiciosos em fazer acontecer educação de qualidade e de transformação. Também encontramos professores desestimulados com os salários recebidos, alunos desinteressados e estruturas aquém do esperado para uma educação de qualidade. Quando dos momentos de rodas de conversa, diversos professores registraram ideias do significado e sentimentos a respeito da escola, a exemplo, apresentamos alguns registros de professores panamenhos (Figura 1). Seguimos com Alves (2011, p. 26) que “[...] a educação é o lugar do diálogo, o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para conduzir à formação pessoal”. É papel da educação, como práxis que é, aprender sobre si mesma, sobre sua prática em análise constante, sobre a dimensão formativa, a consciência histórica, em pensar na ótica do outro. (Figura 1).

Figura 1: REGISTROS DE PROFESSORES PANAMENHOS SOBRE O SENTIDO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA



Legenda: Tradução dos textos das imagens (direita para esquerda e, de cima para baixo): “uma boa educação me ajudará a alcançar os meus sonhos”; “a educação é a melhor arma que se pode dar a uma pessoa para combater a guerra”; “minha universidade é meu Segundo lugar, minha segunda família, um caminho ao êxito profissional”; “a educação é uma viagem ao inexplorado”; “com a educação adquiero conhecimentos para mim própria, para meus sonhos e cumprir minhas metas e objetivo de ser um profissional com êxito”.

Fonte: dos autores, 2022.

As indicações dos professores, explicitada acima, caminham no sentido de perceber a educação como um meio para a aquisição de sonhos, desejos e descobertas, por exemplo, quando um professor menciona “*a educação é uma viagem ao inexplorado*”. Apesar de não ficar claro a que “inexplorável” se espera, percebemos claramente ao longo dos diálogos o caminho dos professores com a escola e com os processos educativos que nela ocorre. Notamos que, na maioria das vezes, “a escola que eu sinto” é percebida como um meio de êxito profissional, da busca por sucesso na carreira. A percepção de uma educação de formação humana, que promove emancipação social nem sempre se fez presente nas falas. Inferimos, no entanto, que alguns professores até buscavam este entendimento, mesmo que de forma velada, por exemplo, ao citar: “*a educação é a melhor arma que se pode dar a uma pessoa para combater a guerra*”. De que guerra falamos? Desta inquietação, inferimos que “a escola que eu sinto” reflete também uma fortaleza da sociedade, na qual busca defender os cidadãos da ignorância com as armas do conhecimento. Guerras que nem sempre se encontram no espectro visível.

Importa pontuar que, “sentido” se apresenta quando, em um determinado contexto, há a incorporação entre perguntas, respostas e intervenções (Spink, 2010). Isto acontece no contexto da socialização, em que os conceitos, as metáforas e as interpretações possibilitam sua construção. E a interpretação emerge quando os repertórios entram em convulsão com o contexto: livros, filmes, cinema, pintura, conversas, observações, etc. A multidimensionalidade de repertórios é aprendida dentro das vivências, quando os professores entram em contato com elas, construindo significados/sentidos e provocam ressonâncias nas pessoas, quando o passado é presentificado por meio das narrativas.

Nos diálogos realizados com os professores brasileiros, as indicações do fazer escola e do sentir educação sempre vinham acompanhadas de termos como: “transformação”, “expectativa”, “determinação”, “trabalho colaborativo”, no entanto, não destoavam das indicações dos colegas panamenhos. E as palavras expressadas são carregadas de representações sociais que revelam imaginações, o sentir. E é a construção simbólica que nos leva à “[...] dilatação do mundo da vida [e de] outros possíveis mundos da vida, que não são, porém, apenas imaginários ou marginais ou complementares ao mundo real; mas compõem, constituem, no seu jogo recíproco e como seu resíduo, o chamado mundo real” (Vattimo, 1994, p. 76-77).

No que se refere à palavra “transformação”, o contexto das discussões indicava a ideia de um movimento, de mudança de paradigma, a busca de novos caminhos para a educação. Sobre este aspecto, lembramos de Charlot (2008), que propõe uma educação mobilizadora, em que os investigadores e professores buscam conhecer a realidade de seus alunos e, juntos caminham na

construção de conhecimentos. Já a palavra “expectativa”, denota o esperar, termo evidenciando que alguns professores apenas aguardam os acontecimentos virem à tona. Ocorre que, educação é muito mais que esperar, é “arregaçar as mangas” e fazer acontecer. Se o professor não se movimenta, quem irá se mover? A educação é (ou deveria ser), então, um trabalho de várias mãos: escola, família e sociedade. Por outro lado, palavras como “determinação” e “trabalho colaborativo” também se fizeram presentes em nossos diálogos, evidenciando a esperança por uma educação melhor e com equidade. Mesmo que apenas este “elemento” isolado possa não ser suficiente, há que pensar na educação como um todo sistêmico em consideração à sua organização, direcionamento, etc. Os professores também dialogaram sobre o sentir a escola em suas percepções, sendo as percepções por eles registradas (Figura 2).

Figura 2: REGISTROS DE PROFESSORES BRASILEIROS SOBRE O SENTIDO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA



Fonte: dos autores, 2022.

Uma das professoras, brasileira, buscou realizar seus registros a partir de um mapa mental, tendo a escola como o lugar do acolhimento, como ponto central e, deste ponto nascendo diversos elementos que, para ela, dão sentido à escola, como: respeito, experiência, união, conhecimento, trabalho desafiador. Este é apenas um dos exemplos, da escola que sentimos nos diálogos com esta professora e que, vai de encontro aos enfrentamentos arraigados no contexto brasileiro, como: a falta de infraestrutura, de formação continuada de professores e de valorização docente. Percebemos, ainda, a alusão para o respeito às diferenças e à convivência pacífica entre

todos que compõem a comunidade escolar. A produção de conhecimento foi enaltecida como um dos pilares centrais da escola.

Em outro momento, este sentir a escola também veio carregado do esperar um cenário de mudanças. Neste sentido, um professor mencionou: “*fé que tudo vai dar certo*”, no sentido de que a escola acontece independente do contexto em que está inserida e das tribulações que possa enfrentar. A escola que eu sinto, nascida deste professor é uma escola que acredita (que tem fé) nas pessoas. Como nos apresenta Paulo Freire (2000, p. 6), “[...] há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós”. Neste sentido, nasce uma escola que pode promover uma mudança social do cidadão. Ter fé (no sentido de confiar, esperar) é um elemento fundamental para que a educação tenha sentido, mas apenas o confiar não é suficiente, sendo preciso agir e enfrentar as questões que se colocam no cotidiano escolar. Este agir foi, de certa forma, contemplado na fala de outro participante: “*O acolhimento é a porta de entrada para tudo*”. A partir deste professor, a escola que eu sinto, é inseparável do “acolhimento”, como fundamental na educação.

A escola que eu sinto vai se tornando promissora quando percebemos na fala dos participantes o termo “acolhida”, que certamente influencia os processos de aprendizagem e também a rotina didático-pedagógica na escola. Uma professora argumentou que privilegia o respeito, a atenção e o carinho, como suportes para que a escola tenha sentido, ou seja, o acolhimento requer um trabalho contínuo de ver-se no outro e respeitar. Para esta professora, atuante na Educação Infantil, a escola, muitas vezes, não é reconhecida como uma instituição de formação cognitiva, física, relacional e afetiva da criança.

Duas professoras atuantes no Ensino Fundamental percebem a escola, ou seja, um espaço em que se deve desenvolver um trabalho conjunto e colaborativo, como comunidade ativa, ou seja em suas palavras: “*Escola + Família = Sucesso*”. Sentir a escolar neste contexto foi para nós pensar na comunidade como elemento integrador de boas práticas no desenvolvimento dos alunos, trouxe a ideia de que superar os muros da escola e integrar à comunidade circundante é de extrema importância para que a escola perceba outras realidades na relação com o mundo. Constatamos que estarmos frente ao desaparecimento dos gestos de solidariedade humana cotidiana, como também da capacidade de se indignar com as injustiças, com a banalização da violência e outros comportamentos, conceitos e valores. Encurtar distâncias é a práxis. É um agir para o outro como outro, é uma ação ou atualidade que se dirige à proximidade. É ver a escola e senti-la verdadeiramente, em todas suas limitações, contribuições e devaneios.

Pudemos perceber que grande parte dos professores tem interesse e engajamento, vivem o desafio de fazer educação de qualidade. Entretanto, falta-lhes formação adequada, conhecimento de pedagogias atualizadas e de comunicação centrada no cotidiano do aluno. Percebemos, também, reivindicação quanto ao salário, às estruturas físicas e materiais das escolas, aplicação adequada das políticas públicas e elaboração de outras que facilitem o trabalho e a formação continuada dos professores.

ARREMATES FINAIS: UM CAMINHO AINDA EM CONSTRUÇÃO

A escola que eu sinto representa a nossa percepção da vivência dialógica com professores do Brasil e do Panamá. É fato que esperamos uma escola em direção à amplitude de um espaço de acolhimento, de sentidos e de mudança social. Para refletir sobre tais inquietações, iniciamos com as indicações de Young (2007) que distingue o “conhecimento dos poderosos” de “conhecimentos poderosos”. O conhecimento dos poderosos nos leva a pensar em “adestramento” de mentes, a insubordinação do outro para interesses particulares, frutos de uma escola excludente. Conhecimentos poderosos refletem a escola enquanto protagonista que promove mudança de vida, que clama por vida, convivência, respeito e reverência. Na sociedade contemporânea, os espaços de convivência (a escola é um deles) foram, gradativamente, sendo atravancados por meio de elementos, como: violência, discriminações variadas, fundamentalismos como efeitos dos processos de produção e acumulação do capital, como fator essencial na promessa de felicidade e cura de todas as mazelas da sociedade. (Junker, 2020).

Enfrentar essas questões através de abordagens educativas que resistam a (i)lógica do materialismo e individualismo é, sem dúvida, tarefa que se apresenta às escolas. Segundo Junker (2020), há que evidenciar a criação, em que a reavaliação dos valores e a construção de novos caminhos seja possível. Percebemos que a escola que eu sinto não são destoantes em diferentes contextos, ou seja, parece-nos repetições de cenários, seja no Brasil ou no Panamá. Assim, a perda de sentidos e significados na escola fazem com que as atividades, ações e objetivos se distanciem mutualmente, levando consigo pessoas e sonhos. Em muitos momentos percebemos nas falas dos professores que a escola deixou de ser vista como espaço de produção e socialização de conhecimentos, como preconizado por Mendonça (2011).

Charlot (2020) indaga a necessidade de fazer mais perguntas fundamentais na educação, há que pensar sobre os problemas dos filhos na relação com o mundo, a escola, os pais e consigo mesmos. A educação impõe pôr-se e expor-se ao risco de não se saber para poder se refundar

dentro das possibilidades. Enfim, entre realidades e devaneios, o diálogo com professores brasileiros e panamenhos nos levou a construir uma narrativa interpretativa da “escola que eu sinto” como uma escola que (i) necessita de olhares mais plurais, levando em conta a diversidade e a complexidade, expandindo a visão de escola como condicionadora de melhor qualidade de vida e emancipação social; (ii) dar aos professores melhores condições de trabalho e salários; (iii) formação docente adequada ao momento histórico e social. A partir do que foi apresentado, fica evidente que estas conclusões são guias para um caminho ainda a seguir, a construir, sem, contudo, não esquecer dos pilares de qualquer forma de pensar a escola: as pessoas integrantes de sua comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da Educação. **Acta Scientiarum Education**, Editora da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v. 33, n. 1, p. 17-28, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/11265>. Acesso em: 27 set. 2023.

ALVES, Nilda. OLIVEIRA, Inês Barbosa. Imagens de escolas: Espaçotempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100003>. Acesso em: 1jun. 2023.

AZEVEDO, Adriana Barin de. Como narrar o corpo mínimo? **Criar Educação**, PPGE UNESC, v. 9, n. 3, ago-dez. Criciúma, 202, p. 148-167. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6139>. Acesso em: 3 ago. 2023.

BENJAMIN, Walter. Crítica da Violência – Crítica do Poder. *In*: BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, documentos de barbárie** (escritos escolhidos). ISBN:9788477747031. Trad. Celeste H.M. Ribeiro de Sousa, *et al.* São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da Faeeba Educação e Contemporaneidade**, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul-dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/227/126>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. Trad. Sandra Pina, 1 ed. e-ISBN: 978-65-5555-027-6. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. ISBN: 9786581334185. Trad. Magda Lopes. 3 ed. p. 296. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho. Braga, Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2025.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PACHECO, Daniela Quevedo; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 351-361, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5720/572061643008/html/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

FREIRE, Paulo Reglus Neve. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25 ed. ISBN: 85-219-0243-3. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, Moacir. Prefácio. In: DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**, 3 ed. (Col. Polêmicas do nosso tempo; v.25), p. 7-11. 100 p. ISBN-13. 978-8574963631. São Paulo: Cortez, 1991.

GALIAZZI, Maria do Carmo *et al.* (orgs.). **Indagações dialógicas com Gordon Wells**. Trad. e org. Grupo de Pesquisa Comunidades Aprendentes em Educação Ambiental, Ciências e Matemática. ISBN: 978-85-7566-410-0. Rio Grande: Ed. FURG, 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**, v. 2. Trad.: Carlos N, Coutinho. ISBN: 9788831622035. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Trad. Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. 133 p. ISBN. 978-1-532-66569-0.

JUNKER, Débora Barbosa Agra. Tempo de re-colhimento – es-colher a esperança. **Educação & Linguagem**. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 5-21, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://zendy.io/title/10.15603/2176-1043/el.v23n2p5-21>. Acesso em: 10 out. 2023.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: contribuição do olhar sociológico. **Caderno Cedes – Centro de Estudos Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 31, n. 85, p. 341-357, set. /dez. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LZRF5sQXq7cjb9SPxkWVgsz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, n. 1, p. 12-32, 2017. Universidade Federal da Integração Latino-americana. ISSN: 2526-7655.

NAI (National Association for Interpretation), **The Definitions Project Group**. 2007. Disponível em: <https://www.interpnet.com/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnfrS48HYbhxw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 de jul. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação**: quando as histórias narram a história da formação. 2014. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

REIS, José Diogo Macedo dos. **As Narrativas Interpretativas do Museu do Ar**. 70f, 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura). Instituto Universitário de Lisboa. 2 nov. 2021. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/23558> . Acesso em: 29 mai. 2025

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. ISBN:978-85-7827-053-7. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia: O espaço da Educação na Universidade. **Cadernos de Pesquisa**, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, v. 37, n. 130, p. 99-134, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf> . Acesso: 30 jun. 2023.

SILVA, Michaela Tuchapesk da; TAMAYO, Carolina. Fazendo covas na areia: desaprender para aprender, movimentos decoloniais na Educação Matemática. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 35, n. 1. p. 167-188, 2022. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/24272> . Acesso em: 3 set. 2023.

SOUZA Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, São Paulo, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4750>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999. p. 17-39. 296 p. ISBN-10: 8524907185.

TILDEN, Freeman. **Interpreting Our Heritage**. ISBN: 978-0-8078-5867-7. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1957.

VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**. ISSN: 1984-5561. DOI: 10.25244/tf. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação & Sociedade**. Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes, São Paulo, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set. /dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?lang=pt>. Acesso em 10 out. 2021.

VILAS-BOAS, Magda Lucia; BUZONI, Douglas; CARNEIRO, Cláudia. **Educação na Pandemia**: perspectivas sobre a realidade brasileira. Curitiba, Editora CRV, 2021. ISBN 978-65-251-0991-6.